

TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL COM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL.

GUERREIRO, E. P.^{a*} CASTILHO, C. F. A.^B OLIVEIRA, M. S. C.^C

A. Editor-chefe Social Meeting Scientific Journal

*Corresponding author: contato@socialmeeting.info

B. C. Acadêmicas de Serviço Social.

Resumo

O presente estudo depara-se com as expressões da questão social: mulheres vítimas de violência sexual e os serviços oferecidos que se encontram nessa situação. Trata-se de pesquisa bibliográfica e estima-se a realização das seguintes etapas: identificar a problemática do tema proposto, buscar na atual literatura, dados e informações sobre a problemática, avaliar a integridade e relevância dos dados, analisar as informações e dados dispostos no conteúdo previamente selecionado e apresentação dos resultados. Espera-se como resultado mapear a situação atual da violência sexual contra mulheres, identificar como elas são auxiliadas na jornada, em especial pelo assistente social, apresentando possíveis soluções e métodos de prevenções.

PALAVRAS-CHAVE: Violência 1, Sexual 2, Mulheres 3, Social 4.

Abstract

The present study is presented as expressions of the social issue: women victims of sexual violence and the services offered that are in this situation. This involves bibliographic research and estimating the following steps: identifying a problem with the proposed theme, searching the current literature for data and information about a problem, assessing the integrity and relevance of the data, analyzing the information and data displayed in the selected content and presentation of results. The result is expected to map a current situation of sexual violence against women, identify how they are helped on the journey, especially by the social worker, to show possible solutions and prevention methods.

KEYWORDS: Violence 1; Sexual 2; Women 3; Social 4.

1. Introdução

Esse artigo tem como objetivo através de levantamentos bibliográficos, compreender de que maneira as mulheres vítimas de violência sexual serão efetivamente amparadas, e se há realmente uma rede de apoio neste momento de extrema vulnerabilidade em que se encontram. Deste modo esse estudo, propõe analisar as questões relacionadas a violência sexual, assim como trazer a questão social inerente a esta violência.

Segundo informações obtidas no relatório realizado pela Organização Mundial da Saúde OMS (2002), a violência sexual é descrita como qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, entre outras práticas independentemente de relação com a vítima. O estupro também é considerado violência sexual, sendo definido pela penetração forçada ou por algum outro tipo de coação.

A violência sexual contra as mulheres traz consigo impactos e problemas diretos e indiretos na saúde física e mental, podendo levar desde traumatismos graves até ao óbito, assim como dificuldades de fertilização e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Além de poder ser um fator desencadeante de transtornos mentais, como depressão, risco de suicídio, transtorno de ansiedade, sono ou alimentares.

A violência contra as mulheres ainda permanece com frequência relacionada ao gênero, podendo prejudicar profundamente seu bem-estar social. No qual muitas mulheres vitimadas, são constantemente estigmatizadas sofrendo preconceito por parte de familiares e da sociedade. Para que haja minimização dos efeitos do abuso sexual, será necessário que exista uma rede de suporte social articulada, para que desta maneira o acolhimento a

esta vítima seja realizado por uma equipe composta por profissionais qualificados.

A qualificação do profissional para atender a vítima nos casos de violência sexual é uma ferramenta essencial, podendo ser trabalhado o vínculo, permitindo que a vítima se sinta acolhida. Essa abordagem deve ser realizada de maneira ética, com empatia e sensibilidade por todas as equipes e órgãos por onde essa mulher necessitar de atendimento. Mudando assim, a ótica de como a questão é abordada, não possibilitando juízo de valor, preconceitos de uma sociedade ainda paternalista, machista e sexista.

Mesmo diante dos números de casos sobre a violência sexual, se busca formas de evitar que mais casos ocorram e também formas humanizadas e eficazes de atender as vítimas, proporcionando conforto e segurança para que não haja medo de prosseguir em meio a sociedade. É necessário que se compreenda o caminho percorrido pela mulher desde antes do fato até a busca por apoio junto aos serviços de saúde, polícia e assistência bem como as limitações e potencialidades. Deve-se entender as angústias e medos, para compreender as necessidades mais urgentes, podendo providenciar um atendimento completo. Trata-se, portanto, de uma realidade importante de ser pesquisada, discutida, avaliada e modificada, para que se busquem métodos eficazes de apoio as vítimas de violência sexual, trazendo melhoras para a sociedade em geral.

1.1 Evolução da Mulher na Sociedade

Ao propor o estudo sobre a violência sexual contra a mulher preliminarmente, se faz necessário falar brevemente da história da mulher na sociedade. E conforme as primeiras

abordagens pode-se analisar, de acordo com Alambert(2004).

Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdades entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos. [...] os seres humanos tinham que se manter agregados. Solidários entre si, para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Quem se marginalizava perecia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres (ALAMBERT, 2004, p.27).

Na origem do homem e da mulher as funções eram realizadas por todos os membros, as tarefas eram distribuídas de forma que pudessem todos se beneficiar. Nesta fase em que existia, uma dependência de todos do grupo para poderem subsistir, todos viviam em harmonia, não prevalecendo a superioridade de ninguém (ALAMBERT, 2004). Com o decorrer da história e da evolução da humanidade, percebe-se que os anais ou narrativas da história mudou para a mulher, que foi deixada de lado a partir do momento em que os homens começaram a sentirem-se com poder e força superior ao das mulheres.

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos. [...] o primeiro antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de

classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino (ENGELS, 1984, p.70 - 71).

Durante muitos anos as mulheres foram tratadas apenas como objeto de manobra da vontade masculina, sendo criadas para cuidarem do lar, família e procriarem. Não tinham direitos garantidos, viviam à mercê de seus pais e maridos, eram discriminadas caso não se portassem como mandava os manuais da época.

E ao transcorrer da história, as mulheres sentiram a necessidade de serem tratadas como sujeitos integrantes da sociedade, com direitos iguais. Podendo exercer a sua cidadania da maneira que desejasse. Portanto, neste cenário as mulheres resolveram se articular em movimentos feministas. Usando as palavras de Jane Mansbridge, o conceito do feminismo como:

[...] o compromisso de pôr fim à dominação masculina, [...] a essência do feminismo é a redefinição de identidade da mulher [...] uma essência comum subjacente à diversidade do feminismo: o esforço histórico, individual ou coletivo, formal ou informal, no sentido de redefinir o gênero feminino em oposição direta ao patriarcalismo (CASTELLS, 2000, p. 211 apud BARRETO, 2004, p. 69).

Para as mulheres nada foi dado e sim conquistado, com a chegada do movimento feminista que fortaleceu as mulheres que ouviam, liam e passavam a diante as ideias do movimento e com isso a não se sentirem mais como

objetos, dos quais não tinham direito algum. Entretanto, essa época de repressão e domínio foi extremamente difícil de serem mudadas, após muita luta foi conquistado alguns avanços, como a igualdade ao direito do sufrágio universal, de participarem ativamente da política, trabalho remunerado, assim como uso de calça jeans e biquíni, que foram considerados escandalosos na década de 50 e 60. (LUCHETTI, 2009).

Neste contexto o movimento feminista levantava a bandeira contra o preconceito, diversas manifestações ocorreram na tentativa de adquirir direitos. Todavia, com o transcorrer dos anos as mulheres cada vez mais politizadas, e cientes de que necessitam sempre estarem atentas a todas as formas de retrocesso em seus avanços adquiridos.

Apesar de algumas conquistas favoráveis como o direito ao voto e aprovação da lei do divórcio, ainda existem temas dos quais ao serem mencionados causam polêmicas e preconceitos como aborto, questão de gênero, violência entre outros.

1.2 Violência Sexual contra a Mulher

Com o passar dos anos e a evolução da mídia, percebe-se cada vez mais casos de violência sexual e mostra-se também o grande número de casos que é omitido, por diversos motivos, pelas vítimas destes crimes. Diante desta situação, é de suma importância para o assistente social estar em sintonia com os acontecimentos e preparado para lidar com as vítimas, necessitando assim maior conhecimento e qualificação na busca de promover atendimento eficaz e, principalmente, humanizado.

Dentro deste contexto, é relevante levar em conta estudos já realizados que ajudem a esclarecer a realidade dos casos de violência sexual, assim como seus números.

A literatura sobre a violência sexual é ampla e foca majoritariamente os levantamentos estatísticos, o que se reveste de importância para a compreensão do objeto de estudo do ponto de vista epidemiológico. Na perspectiva da abordagem compreensiva, estudos sobre as consequências da violência sexual sob o ponto de vista das mulheres certamente agregam valor ao conhecimento científico já produzido (TRIGUEIRO, 2017, p. 2).

A partir de então, estuda-se do que se trata a violência sexual. De acordo com Batista (2016), caracteriza-se o abuso sexual, todo ato ou jogo sexual com o propósito de gratificação sexual imposto através de violência física ameaça ou indução de sua vontade, por alguém com diferenças de desenvolvimento ou tamanho que impossibilitem à vítima defender-se.

Em relato de pesquisa, Minaré (2017), destaca que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência sexual, como toda tentativa não consentida de consumir um ato sexual, realizar comentários sexuais não desejados ou comercializar a sexualidade sem autorização, independente da relação estabelecida com o agressor. E explora ainda, que dentre as diversas formas de violência sexual, todas apresentam impacto na saúde da mulher.

Guimarães e Ramos (2017), relatam em seu texto que a violência sexual contra mulher se trata de uma questão histórica e cultural, atingindo principalmente jovens em idade reprodutiva e tendo várias consequências que atingem não só a vítima, mas toda a sociedade num âmbito de decisões que devem ser tomadas em alguns casos como o seguinte citado:

Além do risco de contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), outro importante problema que a mulher vítima de estupro pode sofrer é a gravidez, cuja ocorrência, nestes casos, é de aproximadamente 7% no Brasil, resultando, na maioria das vezes, em abortamento (GUIMARÃES e RAMOS, 2017, p. 2350).

Independentemente do tipo de violência sexual sofrido, Minaré (2017) mostra a percepção de que há impactos na mulher em sua saúde reprodutiva, mental e bem-estar social.

No primeiro caso, há maior risco de hemorragias ou infecções vaginais, diminuição do desejo sexual, irritação da genitália, dispareunia, dor pélvica crônica, infecções das vias urinárias e, principalmente, infecções sexualmente transmissíveis, além da possibilidade de gravidez indesejada, sentida como uma nova agressão por muitas mulheres. Quanto à saúde mental, diversos estudos correlacionam maior probabilidade de desenvolvimento de

depressão, ansiedade, medo, transtorno de estresse pós-traumático, doenças somáticas, insônia, uso abusivo de álcool ou outras drogas, sentimento de culpa ou autodepreciação, ideação suicida, dificuldades em relacionamentos e comportamentos agressivos. Tais sintomas podem, além disso, ser estendidos aos familiares, em especial aos filhos das mulheres vitimadas, devido à dificuldade em oferecer cuidado decorrente da necessidade primeira de cuidado de si, e da feminilidade/maternidade afetadas (MINARÉ, 2017, p. 11).

Quando se trata da atenção disposta em atendimentos, Barros (2015) destaca que embora estejam sendo desenvolvidas diversas políticas, de acolhimento na área da saúde com o passar dos anos para o melhor atendimento no geral, ainda existe carência nos estudos do mesmo acolhimento de forma humanizada e específica para casos de estupro. Em seu estudo, feito através de entrevistas, as mulheres participantes puderam se expressar e relatar como se sentem diante do atendimento recebido. “Neste sentido, o diálogo com os achados foi realizado a partir da percepção de acolhimento enquanto dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a agasalhar, receber, atender”. (BARROS, 2015, p. 195).

A importância do acolhimento correto é revelada pelas vítimas, quando questionadas sobre o atendimento recebido. Conforme Batista (2016) aborda, um atendimento qualificado necessita de uma rede de atendimento, que possa fazer intervenção e prevenção do abuso sexual, o que

poderia minimizar o impacto sofrido nas vítimas, principalmente tratando-se de crianças e adolescentes.

Uma rede de suporte social articulada, constituída por profissionais qualificados, que possibilite um ambiente protetor e afetivo à criança e ao adolescente, é importante na minimização dos efeitos do abuso sexual no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente. (BATISTA; MORE; KRENKEL, 2015, p. 50).

Diante de relatos e estudos, que comprovam que a violência sexual se trata não somente de uma única vítima, mas sim de toda uma sociedade, levando em conta que os impactos sofridos pela vítima se estendem aos outros em seu redor, tal como familiares, amigos, colegas de trabalho.

Entende-se que o acolhimento para essas mulheres, é um bem comum e o assistente social tem como dever, junto a outros profissionais da saúde, compreender e auxiliar, da melhor maneira possível, tornando a vida da mulher vítima de violência sexual mais fácil de ser guiada e possibilitando a superação do trauma. É necessário possuir o conhecimento sobre os direitos, que se tornam essenciais para a luta contra a cultura do estupro. De acordo com, a Política Nacional de Enfrentamento a Violência contra as Mulheres:

Existe a necessidade de criação de uma Rede de Atendimento levando em conta a rota crítica (OMS/OPAS, 1998) que a mulher em situação de violência percorre. Essa rota possui diversas portas-de-entrada (serviços de emergência na saúde,

delegacias, serviços da assistência social), que devem trabalhar de forma articulada no sentido de prestar uma assistência qualificada, integral e não-revitimizante à mulher em situação de violência. No âmbito do governo, a Rede de Atendimento à Mulher em situação de Violência é composta pelos seguintes serviços: Centros de Referência de Atendimento à Mulher, Núcleos de Atendimento à Mulher, Casas-Abrigo, Casas de Acolhimento Provisório, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs), Núcleos ou Postos de Atendimento à Mulher nas Delegacias Comuns Polícia Civil e Militar, Instituto Médico Legal, Defensorias da Mulher Juizados de Violência Doméstica e Familiar, Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 Ouvidorias, Ouvidoria da Mulher da

Secretaria de Políticas para as Mulheres, Serviços de Saúde voltados para o atendimento dos casos de violência sexual e doméstica Posto de Atendimento Humanizado nos Aeroportos Núcleo da Mulher da Casa do Migrante. (BRASIL, 2011, p.30).

Conforme documentado na literatura, existem graves consequências do estupro na vida da vítima, que podem ser de curto e longo prazo, que perpassam do campo físico, psicológico e econômico. Sendo assim, as políticas públicas deveriam ser efetivas e estarem implementadas em todos os municípios brasileiros, para a assistência adequada as

vítimas. A violência sendo uma das expressões da questão social.

Diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho –, das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. (IAMAMOTO, 2001, p.10).

Pensando na questão social e seus desafios colocados pela sua perpetuação através do modelo econômico neoliberal, que acabam por causar impactos provenientes de sua hegemonia. Segundo Vásquez (2007, p. 54) “As forças produtivas determinam as relações de produção que, por sua vez, condicionam as formas ideológicas e o Estado.”

Acabam sendo materializadas e disseminadas através das profundas desigualdades sociais, uma vez que o Estado estreita suas relações com o capitalismo, acaba ocorrendo o antagonismo e as contradições observadas através das diferenças de classes. Desta maneira a questão da violência é uma face que ocorre na realidade social, podendo ser atribuída a violação de direitos, torna-se um dos grandes desafios a serem enfrentados na atualidade.

Desta forma o enfrentamento à violência sexual, deve ser de embate efetivo através de políticas públicas, eficazes com ênfase na proteção social e garantia de direitos. Para Chauí (1998), a violência, trata-se de uma inversão da realidade, onde criam-se artifícios que mascaram e

dissimulam comportamentos, ideias e valores violentos como se fossem não-violentos.

[...] a violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é como toda a prática e toda a ideia que reduza o sujeito a condição de coisa, que viole interior e exteriormente alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural. (CHAUÍ, 1998, p.4).

Com a visão de que a violência no Brasil, é mascarada de uma forma em que o agredido fica na condição de coisa e acaba sendo justificável a conduta deste agressor. Existe uma norma de naturalização das desigualdades étnicas, religiosas e de gênero, assim como toda forma de violência visíveis e invisíveis. Em uma sociedade patriarcal que provoca violações e explorações em âmbito estrutural elitista, onde a violência é regida pelo controle e medo com os que estão à margem da sociedade, restando as mazelas sociais. Portanto, torna-se de extrema relevância a ampla discussão, que por vezes fica as sombras da sociedade, sem a devida atenção que a temática merece ser tratada.

2. Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que se realiza a partir de registros disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores, como livros, artigos e teses. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados, por outros pesquisadores e devidamente

registrados. Os textos tornam-se fonte dos temas a serem pesquisados. O trabalho é desenvolvido a partir da contribuição dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. Para que se desenvolva essa pesquisa, estima-se a realização das seguintes etapas: identificar a problemática do tema proposto; buscar na atual literatura disponível dados e informações que trabalhem a problemática; avaliar a integridade e relevância dos dados; analisar as informações e dados dispostos no conteúdo previamente selecionado e apresentação da síntese do conhecimento em busca de respostas para a questão proposta.

A realização de buscas será feita através de bases de dados que possuam conteúdo do tema selecionado, tais como LILACS, BVSAUDE, SCIELO, entre outras, não excluindo também fontes importantes, como livros. Para uma busca mais eficiente e focada, serão utilizados descritores e palavras chaves que facilitem a encontrar conteúdo correto e que englobe o tema de pesquisa proposto. Para pesquisa prévia e elaboração do presente projeto de pesquisa, foram utilizados como descritores: Violência sexual, Mulheres, Assistência social. Utilizando critérios de eliminação que possibilitem maior foco ao tema e auxiliem a pesquisa tratar de área humana, com textos completos, conteúdo em português, no período entre 2014 e 2017, tendo assim dados mais atualizados sobre o tema de estudo.

3. Resultados

Espera-se obter como resultado desta pesquisa, uma visão da atual situação da violência sexual contra mulheres, explorando como elas têm sido auxiliadas em sua

jornada, em especial pelo assistente social, compreendendo o papel e a importância do profissional na jornada da vítima e buscando formas técnicas para que se possa diminuir ou mitigar os números de casos relatados, além dos que não se conhece por omissão por parte das vítimas, apresentando de forma mais concreta possível, soluções e métodos de prevenções.

4. Conclusões

A penúria, humilhação, estigma, repulsa da sociedade e todos os tipos de negação que estas mulheres passam, precisam ser discutidas com a sociedade por meio de debates amplos e educativos. Somente com a mudança de pensamento, no qual a mulher é culturalmente reproduzida pelos aparelhos ideológicos como objeto de desejo e submissão.

É preciso verbalizar a dor, destas que estão invisíveis em uma sociedade hierarquicamente de ideologia machista, marcada pela opressão do capitalismo sobre as classes subalternas. Onde as expressões da questão social se espalham e se transformam, sem ser vista pelo Estado burguês que tem o seu olhar voltado somente para a sociedade elitista.

Com a implantação de políticas públicas eficazes, a participação de movimentos feministas, da sociedade, do assistente social e demais profissionais pode-se chegar ao cerne do problema e que desta forma através do enfrentamento efetivo da temática, ocorra o engajamento por parte de todos na perspectiva de mudanças.

Sendo analisada a importância de que, os equipamentos existentes que atendam essas mulheres trabalhem em conjunto para um atendimento mais

humanizado, dando condições a essa vítima se reestruturar socialmente e psicologicamente.

E ao assistente social que tem no seu contexto histórico de lutas, possa cada vez mais trabalhar na articulação do empoderamento feminino e na igualdade de gênero, para a construção de uma sociedade justa que não exista conflitos por ideologias.

5. Referências

ALAMBERT, Z. A mulher na história, a história da mulher. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

BARRETO, M.P.S.L. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2363/209>.

Acesso em 24 set.2017, 13:18.

BARROS, L.A; et. al. Vivência de (des)acolhimento por mulheres vítimas de estupro que buscam os serviços de saúde. Rev Esc Enferm USP · 2015; 49(2):193-200.

BATISTA, V; et. al.; A tomada de decisão de profissionais frente a situações de abuso sexual infanto-juvenil: uma revisão integrativa. Instituto Metodista de Ensino Superior CGC 44.351.146/0001-57 Mudanças – Psicologia da Saúde, 24 (2), Jul.-Dez. 2016.

BRASIL. Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. O Estupro Passou a ser um Crime Contra a Dignidade e Liberdade Sexual. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm. Acesso em 03 jun. 2018, 15: 57.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República. Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres. Brasília. 2011. Disponível em:< <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/politica-nacional>>. Acesso em 26 mai. 2018, 21: 30.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ISBN 978-65-991619-0-2

- CHAUÍ, M. Ensaio: ética e violência. In: Fundação Perseu Abramo. Teoria & Debate. out-dez/1998. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/conteudo/ensaio-etica-e-violencia>>. Acesso em 27 mai. 2018, 23:12.
- GUIMARÃES, A. C.; RAMOS, K.S. Sentimentos de mulheres na vivência do abortamento legal decorrente de violência sexual. Rev enferm UFPE on line., Recife, 11(6):2349-56, jun., 2017.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. A Questão Social no Capitalismo. IN: Temporalis / ABEPSS. Ano 2 , n. 3. jan./ jun. 2001. Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001.
- LUCHETTI, Franciele Brazoli. Violência intrafamiliar: a criança, o adolescente e a mulher sob uma visão da realidade. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1643/1566>>. Acesso em 24 set. 2017, 17:30.
- MINARÉ, N.F. Repercussões da violência sexual na saúde da mulher: uma revisão integrativa. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2017.
- TRIGUEIRO, T.H; et. al.; O sofrimento psíquico no cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência sexual: estudo fenomenológico. Escola Anna Nery 21(3) 2017
- VÁSQUEZ, A.S. Filosofia da Práxis. 2. ed. Buenos Aires: Consejo Latino americano de Ciências Sociales - CLACSO; Tradução Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.



[2020]

todos os direitos desta edição reservados à © eSocial Brasil

Rua México, 156 – 121

Pitangueiras – Guarujá SP – 11410-350

+55 (13) 3329-1548

www.socialmeeting.info

contato@socialmeeting.info